

ACELERAÇÃO SOCIAL, UBERIZAÇÃO E O TEMPO DA PRECARIZAÇÃO: HORIZONTES DE EXPECTATIVA DE UMA GERAÇÃO BRASILEIRA

Letícia Fernanda Rodrigues

Doutora em Sociologia (UFRGS). <https://orcid.org/0000-0003-4216-6271>.

Francisco Teodoro da Costa Junior

Mestre em Direitos Humanos (UNIFIEO). <https://orcid.org/0009-0002-8951-0893>.

Khayam Ramalho da Silva Sousa

Mestrando em Direitos Humanos (UNIFIEO). <https://orcid.org/0000-0002-4544-6386>.

Donizete Vaz Furlan

Doutorando em Estudos de Fronteiras (UNIFAP). <https://orcid.org/0009-0002-3229-9273>.

Jussileida Feitosa Damasceno Costa

Mestrando em Direitos Humanos (UNIFIEO). <https://orcid.org/0009-0001-4217-7037>.

Michelle Daiany da Conceição Trajano

Mestre em Estruturas e Construção Civil (UFSCAR). <https://orcid.org/0000-0002-3192-7701>.

Sabrina dos Santos Barbosa

Especialista em Fisiologia do Exercício (Faculdade de Macapá). <https://orcid.org/0009-0001-9663-8572>.

Katiussia de Cássia da Silva Ribeiro

Especialista em Docência para o Ensino Superior (FAVENI). <https://orcid.org/0009-0005-2710-2669>.

Bernardo Boucinha Bernardi

Doutor em Estudos Estratégicos Internacionais (UFRGS). <https://orcid.org/0000-0001-8485-9629>.

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1-53>

RESUMO: Este artigo investiga as relações entre a experiência temporal subjetiva e as transformações estruturais no mundo do trabalho brasileiro contemporâneo, com foco no processo de aceleração social e no fenômeno da uberização. Partindo da teoria da aceleração de Hartmut Rosa e do conceito de espaço de experiência/horizonte de expectativa de Reinhart Koselleck, analisamos como as novas formas de organização laboral – representadas pelo trabalho formal intensificado no varejo e pelo trabalho plataformizado – reconfiguram a vivência do tempo e a capacidade de projeção futura entre jovens adultos (25-35 anos). Metodologicamente, desenvolvemos um estudo qualitativo comparativo baseado em 50 entrevistas em profundidade com trabalhadores dos dois grupos, realizadas em Porto Alegre. Os resultados indicam: 1) uma compressão generalizada do tempo cotidiano, com diferentes modulações (gestão algorítmica vs. controle gerencial); 2) uma dissolução acelerada das fronteiras entre trabalho e vida; e 3) um estreitamento significativo dos horizontes de expectativa biográficos e geracionais, caracterizado pelo que denominamos “presenteísmo acelerado”. Um achado crucial revela a **precariedade educada**: 60% dos trabalhadores por aplicativo possuem ensino superior completo, contra 8% no varejo, evidenciando uma ruptura na promessa de progresso via educação. Concluímos que a uberização radicaliza a aceleração social,

RODRIGUES, L.F.; COSTA JUNIOR, F.T.; SOUSA, K.R.S.; FURLAN, D.V.; COSTA, J.F.D.; TRAJANO, M.D.C.; BARBOSA, S.S.; RIBEIRO, K.C.S.; BERNARDI, B.B. Aceleração social, uberização e o tempo da precarização: horizontes de expectativa de uma geração brasileira. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 5, n. 1, p. 787-805, jan./mar., 2026.



transformando a experiência temporal em uma luta pela sobrevivência imediata que compromete a elaboração de projetos de futuro, configurando uma estagnação dinâmica qualificada.

PALAVRAS-CHAVE: Aceleração Social. Uberização. Experiência Temporal. Horizontes de Expectativa. Trabalho Contemporâneo. Precariedade Educada.

SOCIAL ACCELERATION, UBERIZATION AND THE TIME OF PRECARIZATION: HORIZONS OF EXPECTATIONS OF A BRAZILIAN GENERATION

ABSTRACT: This article investigates the relationships between subjective temporal experience and structural transformations in the contemporary Brazilian world of work, focusing on the process of social acceleration and the phenomenon of uberization. Based on Hartmut Rosa's theory of acceleration and Reinhart Koselleck's concept of experience space/expectation horizon, we analyze how new forms of labor organization – represented by intensified formal work in retail and platform-based work – reconfigure the experience of time and the capacity for future projection among young adults (25-35 years old). Methodologically, we developed a comparative qualitative study based on 50 in-depth interviews with workers from both groups, conducted in Porto Alegre. The results indicate: 1) a generalized compression of daily time, with different modulations (algorithmic management vs. managerial control); 2) an accelerated dissolution of the boundaries between work and life; and 3) a significant narrowing of biographical and generational expectation horizons, characterized by what we call “accelerated presenteeism”. A crucial finding reveals educated precariousness: 60% of app-based workers have completed higher education, compared to 8% in retail, highlighting a break in the promise of progress through education. We conclude that uberization radicalizes social acceleration, transforming temporal experience into a struggle for immediate survival that compromises the development of future projects, configuring a qualified dynamic stagnation.

KEYWORDS: Social Acceleration. Uberization. Temporal Experience. Horizons of Expectation. Contemporary Work. Educated Precariousness.

INTRODUÇÃO: TEMPO, TRABALHO E A CRISE DOS FUTUROS NA MODERNIDADE TARDIA

A experiência do tempo constitui uma dimensão fundamental da condição humana, atravessando desde a organização microscópica da vida cotidiana até as macronarrativas históricas. Nas sociedades modernas, essa experiência foi profundamente marcada por um fenômeno estrutural: a aceleração. Hartmut Rosa (2019) propõe que a modernidade é, em sua essência dinâmica, um processo de aceleração tripla: técnica (avanços tecnológicos que encurtam processos), da mudança social (rotatividade

crescente de estruturas e relações) e do ritmo de vida (aumento de ações por unidade de tempo). Este movimento, que outrora foi associado ao ideal moderno de progresso e emancipação, teria atingido nas últimas décadas um ponto crítico, gerando uma “síndrome de burnout coletivo” e, centralmente, uma crise dos horizontes temporais.

No Brasil, esse processo se articula com uma trajetória histórica específica de desindustrialização precoce, financeirização e consolidação de um mercado de trabalho estruturalmente precário (Paulani, 2008; Pochmann, 2021). Dados do IBGE (2023) revelam que a informalidade atinge 39,1% da população ocupada, cenário onde emerge com força o fenômeno da uberização – termo que sintetiza a precarização extensiva mediada por plataformas digitais, caracterizada pela gestão algorítmica, externalização de riscos e transformação do trabalhador em “microempreendedor de si” (Abílio, 2020).

Este artigo analisa como essa dupla dinâmica – aceleração social e uberização – reconfigura a experiência temporal cotidiana e os horizontes de expectativa de jovens trabalhadores brasileiros. Partimos da hipótese de que a aceleração, quando combinada com a precarização ubérica, promove uma experiência de presenteísmo acelerado, onde a luta pela sobrevivência imediata contrai drasticamente a capacidade de projetar futuros individuais e coletivos.

REFERENCIAL TEÓRICO: DA ACELERAÇÃO À UBERIZAÇÃO DO TEMPO

A investigação proposta exige um referencial teórico tripartite que articule: 1) uma sociologia do tempo e da aceleração; 2) uma teoria da história e da consciência temporal; e 3) uma análise crítica das novas morfologias do trabalho, com foco no fenômeno da plataformização. Esta seção expande e aprofunda esses pilares conceituais.

A ACELERAÇÃO SOCIAL COMO ESTRUTURA DA MODERNIDADE TARDIA

A teoria desenvolvida por Hartmut Rosa (2013, 2019) oferece o arcabouço central para compreender a dinâmica temporal das sociedades modernas. Para Rosa, a aceleração

não é um fenômeno setorial, mas a própria lógica de estabilização da modernidade, que só se mantém coesa através da mudança contínua. Ele sistematiza esse processo em três dimensões interligadas e autocatalíticas:

Aceleração Técnica: Refere-se ao aumento mensurável da velocidade dos processos de transporte, comunicação e produção. É a dimensão mais visível, materializada em tecnologias que encurtam drasticamente o tempo necessário para realizar tarefas. No âmbito laboral, isso vai das linhas de montagem fordistas aos atuais sistemas ERP (Enterprise Resource Planning) e algoritmos de roteirização que otimizam cada segundo da jornada produtiva (Gleick, 1999).

Aceleração da Mudança Social: Diz respeito à taxa de renovação cada vez mais rápida das estruturas sociais, instituições, relações, orientações de valor e práticas sociais. Se, na modernidade clássica, uma carreira, um conhecimento ou um modelo familiar podiam perdurar por décadas, hoje esses elementos apresentam uma “vida útil” drasticamente reduzida (Bauman, 2001). No mundo do trabalho, isso se traduz na instabilidade das trajetórias profissionais, na rotatividade de empregos, na obsolescência acelerada de habilidades (a “half-life” do conhecimento) e na fluidez das identidades ocupacionais. A chamada “Economia Gig” é a encarnação perfeita dessa aceleração, onde o vínculo laboral se fragmenta em uma sucessão de “tarefas” ou “bicos” (Standing, 2014).

Aceleração do Ritmo de Vida: É a experiência subjetiva e objetiva de se realizar mais ações e eventos por unidade de tempo (dia, semana, ano). Não se trata apenas de fazer as coisas mais rápido, mas de fazer mais coisas no mesmo tempo. É o sentimento onipresente de “falta de tempo”, de pressão e de urgência constante, o que a psicologia social tem associado ao aumento epidêmico de síndromes de burnout e ansiedade (HAN, 2015). No trabalho, essa dimensão aparece na intensificação das tarefas (multitasking), na erosão das pausas e na extensão não remunerada da jornada através de dispositivos móveis.

Rosa argumenta que essas três dimensões formam um “círculo de aceleração” que se autoalimenta, tornando-se autônomo em relação aos objetivos humanos originais de liberdade e bem-estar. O ponto crítico é atingido quando a aceleração deixa de ser um meio para a emancipação (mais tempo livre, mais opções de vida) e se torna

um fim em si mesmo, gerando o que ele denomina "estagnação dinâmica" – uma mudança constante e frenética que não produz progresso substantivo nem ampliação das possibilidades de uma vida boa. A consequência para a experiência subjetiva é a perda de "ressonância", definida como uma relação de afeto, resposta e transformação mútua com o mundo, em contraposição à relação de "alienação" ou mero controle. O colapso da ressonância e a saturação do tempo levam, em sua tese, ao esvaziamento da capacidade de planejar e se projetar no longo prazo.

ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E HORIZONTE DE EXPECTATIVA: A ANATOMIA DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Para operacionalizar a análise da dimensão biográfica e geracional do tempo, recorreremos à seminal distinção do historiador Reinhart Koselleck (2006) entre espaço de experiência e horizonte de expectativa. Estes não são conceitos psicológicos, mas categorias da história dos conceitos que descrevem as condições de possibilidade da ação histórica.

Espaço de Experiência (Erfahrungsraum): É o passado presente. Não é o passado "morto", mas o conjunto de vivências, tradições, hábitos, aprendizados e estruturas sociais que foram incorporados pelos sujeitos e coletividades e que formam o pano de fundo sedimentado da ação no presente. É o repertório a partir do qual agimos e interpretamos o mundo. Inclui, no caso desta pesquisa, a trajetória familiar, as experiências profissionais anteriores, os sucessos e fracassos acumulados, e a memória social de uma geração.

Horizonte de Expectativa (Erwartungshorizont): É o futuro presente. É o conjunto de projeções, desejos, temores, prognósticos e possibilidades que se abrem a partir do espaço de experiência. O horizonte não é uma mera extrapolação do passado; ele introduz a novidade, o "ainda-não", o campo do possível e do esperado. É no horizonte de expectativa que se formulam utopias, projetos de vida e prognósticos políticos.

Koselleck analisou como, na modernidade clássica (séculos XVIII-XIX), ocorreu um distanciamento crescente entre o espaço de experiência (que, frente às revoluções,

parecia cada vez menos capaz de orientar) e o horizonte de expectativa (que se abria como um campo ilimitado de progresso e possibilidades). Esse afastamento gerou uma nova consciência histórica de futuro aberto e controlável, fundamento da ideologia do progresso.

Nossa hipótese, em diálogo crítico com Rosa, é que na modernidade tardia ou contemporaneidade esse movimento se inverte. A aceleração desenfreada, especialmente na sua forma uberizada, provocaria um colapso do horizonte de expectativa sobre o espaço de experiência. O futuro deixa de ser um campo de possibilidades abertas para se tornar: a) uma ameaça imediata (o desemprego, a dívida, a falência); b) uma extrapolação acelerada da precariedade presente; ou c) um território de tão grande incerteza que se torna indiferente ou invisível. A vida se concentra na gestão de um presente expandido e acelerado, configurando o que diversos autores têm chamado de presenteísmo (Hartog, 2013) ou, mais especificamente para nosso caso, um "presenteísmo acelerado".

A UBERIZAÇÃO COMO ACELERAÇÃO RADICALIZADA E COLONIZAÇÃO DO TEMPO DA VIDA

O conceito de uberização, cunhado por Abílio (2019, 2020), transcende a análise de um aplicativo específico para designar um novo padrão sistêmico de organização do trabalho e de gestão da força de trabalho. Ele sintetiza e radicaliza as três dimensões da aceleração rossiana, funcionando como um verdadeiro "operador temporal de alta intensidade". Suas características centrais são:

1. Gestão Algorítmica e Ditadura do Just-in-Time: A plataforma substitui o capataz ou o gerente por um algoritmo que gerencia, avalia e disciplina o trabalhador em tempo real. Este controle não é intermitente, mas contínuo e opaco. Através de sistemas de pontuação, mapas de calor (heat maps), tarifas dinâmicas (surge pricing) e ofertas de serviços, o algoritmo impõe um ritmo de otimização constante, criando uma pressão temporal pervasiva. O trabalhador é compelido a reagir imediatamente, vivendo sob uma lógica de "ditadura do just-in-time" (Abílio, 2020), onde seu corpo e seu tempo devem

estar permanentemente disponíveis e sintonizados com a lógica da plataforma (Woodcock, 2021).

2. Fetichismo da Plataforma e Apagamento das Relações Sociais: A interface amigável do aplicativo e o discurso da “tecnologia neutra” e da “autonomia” fetichizam a relação laboral. O explorador (a empresa plataforma) desaparece atrás do código, e a exploração é vivida como um fracasso individual na otimização do próprio desempenho. Isso acelera a mudança social ao desmontar identidades de classe estáveis e promover uma ideologia do empreendedorismo de si, onde o sucesso e o fracasso são individualizados (Dardot; Laval, 2016).

3. Dissolução Total dos Limites e a Vida como Tempo de Conexão: A uberização realiza programaticamente a aceleração do ritmo de vida. A lógica é a da disponibilidade permanente. Como não há jornada fixa, o “tempo de conexão” ao aplicativo se confunde com o “tempo de trabalho potencial”, e a renda é diretamente proporcional à disponibilidade. Isso oblitera as fronteiras entre trabalho e não-trabalho, lazer e descanso, vida pública e privada. O tempo da vida é integralmente colonizado pela lógica do mercado platformizado.

4. Precarização Existencial e Insegurança como Modo de Vida: A incerteza radical quanto à renda, a ausência de proteções sociais (férias, seguro-desemprego, aposentadoria) e a internalização de todos os custos e riscos do “negócio” (veículo, combustível, manutenção) geram uma precarização que é, antes de tudo, temporal. O futuro imediato (a próxima corrida, o pagamento da semana) é incerto, e o futuro de longo prazo (doença, velhice) é uma ameaça constante. Essa insegurança crônica é o combustível que mantém o trabalhador em estado de prontidão e autoexploração acelerada.

Dessa forma, a uberização não é um fenômeno setorial, mas a forma paradigmática através da qual a aceleração social se materializa e é vivida na esfera do trabalho contemporâneo. Ela fornece o contexto empírico ideal para testar a tese do colapso dos horizontes de expectativa, pois condensa, em uma única figura social, as três dimensões da aceleração de Rosa e as tensiona ao extremo, colocando em xeque a

capacidade de elaborar futuros para além da mera reprodução da existência precária no presente acelerado.

ESTADO DA ARTE: MAPEAMENTO DA INTERSEÇÃO ENTRE ACELERAÇÃO, PLATAFORMAS E TEMPORALIDADE

O quadro de pesquisa proposto situa-se na confluência de três linhas de investigação em expansão. A tabela abaixo sintetiza o estado da arte, destacando os principais eixos, contribuições e, crucialmente, as lacunas que este estudo pretende enfrentar.

Área de Pesquisa	Autores/Conceitos Chave	Foco Principal	Lacunas Identificadas (Onde este estudo se insere)
1. Teoria Social da Aceleração e Sociologia do Tempo	Hartmut Rosa (Aceleração tripla: técnica, mudança social, ritmo de vida; Ressonância). Reinhart Koselleck (Espaço de Experiência e Horizonte de Expectativa). Norbert Elias, David Harvey.	Análise macro e filosófica da aceleração como estrutura da modernidade. Investigação das consequências sociais e existenciais da compressão tempo-espço.	1. Falta de estudos empíricos sistemáticos que liguem a teoria da aceleração tripla às transformações concretas no mundo do trabalho. 2. Aplicação predominantemente no contexto europeu/norte-americano, com pouca interlocução com a realidade periférica e brasileira. 3. Foco frequentemente teórico ou em profissões de elite, deixando de lado a experiência da classe trabalhadora.
2. Estudos Críticos do Trabalho Plataformizado (Uberização)	Ludmila Abílio (Uberização, <i>just-in-time</i> , desposseção). Nick Srnicek (Capitalismo de plataforma). Jamie Woodcock (Controle algorítmico). Dados: IBGE, ILO, IPEA.	1. Eixo Econômico-Jurídico: Precarização, modelos de negócio, debate sobre relação de emprego. 2. Eixo da Organização: Condições de trabalho, controle algorítmico, resistência. 3. Eixo da Subjetividade/Saúde: Impactos psicossociais, estresse, ansiedade.	1. A questão temporal é tangenciada, mas não central. Fala-se em “disponibilidade” ou “ritmo”, mas sem diálogo profundo com a sociologia do tempo. 2. Falta análise comparativa sistemática entre o trabalho plataformizado e outras formas de trabalho

RODRIGUES, L.F.; COSTA JUNIOR, F.T.; SOUSA, K.R.S.; FURLAN, D.V.; COSTA, J.F.D.; TRAJANO, M.D.C.; BARBOSA, S.S.; RIBEIRO, K.C.S.; BERNARDI, B.B. Aceleração social, uberização e o tempo da precarização: horizontes de expectativa de uma geração brasileira. *Revista Eletrônica Amplamente*, Natal/RN, v. 5, n. 1, p. 787-805, jan./mar., 2026.



			<p>precarizado/formal intensificado.</p> <p>3. Pouca atenção à dimensão geracional e dos horizontes de expectativa de longo prazo afetados pela plataformização.</p>
<p>3. Pesquisas sobre Temporalidade, Futuro e Gerações</p>	<p>François Hartog (Presenteísmo). Guy Standing (Precariado e planejamento). Estudos sobre juventude e futuro bloqueado (e.g., Cabanas & Pais, 2021).</p>	<p>Diagnóstico do encurtamento dos horizontes temporais e da crise das narrativas de futuro (presenteísmo). Análise do impacto da insegurança econômica na capacidade de planejar. Pesquisas sobre as expectativas e percepções temporais de gerações específicas.</p>	<p>1. Frequentemente, são diagnósticos gerais (ex.: “fim do futuro”) sem conexão com os mecanismos sociais e laborais concretos que produzem esse fechamento.</p> <p>2. Desconexão entre a análise do mal-estar temporal e a arquitetura do trabalho contemporâneo (forma 1 precarizado e plataformizado).</p> <p>3. Necessidade de evidências empíricas qualitativas que detalhem como a experiência laboral modela a percepção do tempo vital e geracional.</p>
<p>SÍNTESE DA LACUNA PRINCIPAL & POSICIONAMENTO DESTE ESTUDO</p>			<p>Existe uma tripla desconexão nos campos acima: 1) Teoria da aceleração ↔ Análise empírica do trabalho; 2) Crítica das plataformas ↔ Sociologia do tempo; 3) Diagnóstico do presenteísmo ↔ Mecanismos laborais concretos.</p> <p>Este estudo se posiciona nesta interseção. Propõe costurar esses três campos ao: (a) usar Rosa e Koselleck como lente para analisar o trabalho formal e por</p>

			plataforma; (b) usar os dados empíricos da uberização para qualificar a teoria da aceleração; e (c) investigar explicitamente como essas morfologias laborais contraem os horizontes de expectativa biográficos e geracionais no Brasil.
--	--	--	--

DESENHO DA PESQUISA E AMOSTRA

Esta pesquisa adotou um desenho qualitativo-exploratório, com uma estratégia comparativa entre dois grupos de trabalhadores. O estudo foi realizado na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, entre março e outubro de 2023. A amostra total foi composta por 50 jovens adultos (25-35 anos), divididos em dois grupos intencionais e estratégicos:

Grupo F (Trabalho Formal Intensificado): 25 trabalhadores com carteira assinada em três grandes redes de supermercado atuantes na capital gaúcha.

Grupo P (Trabalho Plataformizado/Uberizado): 25 motoristas por aplicativo (Uber e 99) que tinham a atividade como principal fonte de renda há pelo menos um ano.

O recorte geracional (nascidos entre 1988 e 1998) buscou captar indivíduos cuja socialização ocorreu durante a expansão do acesso ao consumo digital e ao ensino superior, mas cuja inserção profissional se deu em um mercado de trabalho já marcado pela estagnação econômica e pela precarização. O acesso aos participantes foi feito por meio de indicações em cadeia (snowball sampling) e abordagem direta em pontos estratégicos (centros de distribuição de aplicativos e associações de bairro).

INSTRUMENTOS DE COLETA E PROCEDIMENTOS

A coleta de dados combinou dois instrumentos principais:

RODRIGUES, L.F.; COSTA JUNIOR, F.T.; SOUSA, K.R.S.; FURLAN, D.V.; COSTA, J.F.D.; TRAJANO, M.D.C.; BARBOSA, S.S.; RIBEIRO, K.C.S.; BERNARDI, B.B. Aceleração social, uberização e o tempo da precarização: horizontes de expectativa de uma geração brasileira. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 5, n. 1, p. 787-805, jan./mar., 2026.



Questionário Sociodemográfico e Laboral: Aplicado inicialmente, buscou mapear dados objetivos para caracterização da amostra (idade, gênero, escolaridade, renda, tempo na ocupação, jornada média etc.).

Entrevista Narrativa em Profundidade: Realizada em local de preferência do participante, com duração média de 1h45min. As entrevistas foram guiadas por um roteiro semiestruturado organizado em dois eixos:

Eixo 1 – O Presente Acelerado: Focado na experiência temporal cotidiana, gestão do tempo, ritmo de trabalho, uso de tecnologias e impactos na vida fora do trabalho.

Eixo 2 – Trajetórias e Futuros: Buscou reconstruir o espaço de experiência (história profissional e familiar) e acessar os horizontes de expectativa (planos pessoais e visão de futuro para sua geração).

Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e validadas pelos participantes. O projeto foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o parecer nº 5.802.213, e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

ANÁLISE DOS DADOS

A análise seguiu uma abordagem mista. Os dados do questionário foram analisados estatisticamente descritivos (frequências, médias) no software SPSS 28, permitindo a caracterização sociodemográfica da amostra.

- O corpus das entrevistas (aproximadamente 1.250 páginas de transcrição) foi analisado qualitativamente por meio da Análise Temática de Conteúdo, conforme proposto por Bardin (2011), com apoio do software NVivo 14. O processo incluiu:
 - Pré-análise: Leitura flutuante e organização do material.
 - Exploração do material: Codificação aberta, com criação de códigos iniciais a partir dos eixos do roteiro e de temas emergentes.
 - Tratamento e interpretação: Agrupamento dos códigos em categorias analíticas centrais (ex.: “Controle Algorítmico do Ritmo”, “Dissolução dos Limites”, “Futuro em

Suspensão”), realizando análises intragrupo (para identificar padrões em cada grupo) e intergrupo (para comparação sistemática entre Grupo F e Grupo P).

A tabela abaixo detalha o perfil sociodemográfico e laboral dos 50 participantes da pesquisa, com ajuste nos dados de escolaridade para refletir a informação específica sobre os 15 homens com graduação no grupo de plataformas:

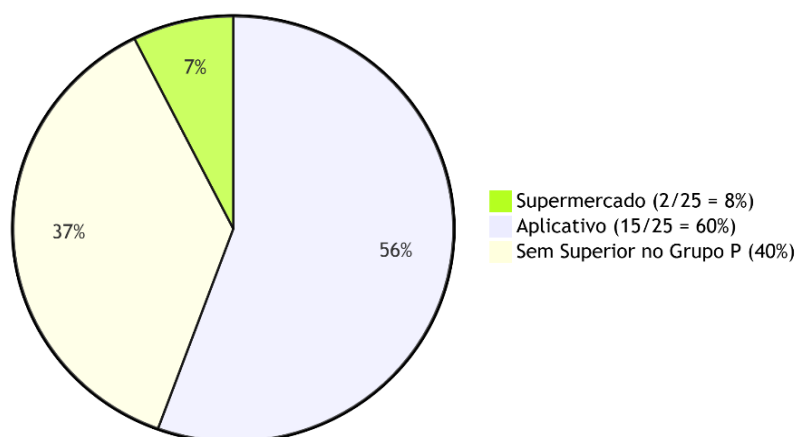
Tabela 1: Perfil Sociodemográfico e Laboral da Amostra (Porto Alegre/RS, 2023)

Variável	Categoria	Grupo F (Supermercado) (n=25)	Grupo P (Aplicativo) (n=25)	Total (n=50)
Gênero	Masculino	11 (44%)	22 (88%)	33 (66%)
	Feminino	14 (56%)	3 (12%)	17 (34%)
Faixa Etária Média		29,2 anos	30,8 anos	30,0 anos
Escolaridade	Ensino Médio Completo	18 (72%)	10 (40%)	28 (56%)
	Ensino Superior Incompleto	5 (20%)	0 (0%)	5 (10%)
	Ensino Superior Completo	2 (8%)	15 (60%)	17 (34%)
Renda Mensal Pessoal Média		R\$ 1.850,00	R\$ 2.300,00*	R\$ 2.075,00
Tempo na Ocupação Atual	Menos de 2 anos	4 (16%)	5 (20%)	9 (18%)
	De 2 a 5 anos	15 (60%)	14 (56%)	29 (58%)
	Mais de 5 anos	6 (24%)	6 (24%)	12 (24%)
Jornada Semanal Média		44 horas	54 horas*	49 horas
Possui outro Vínculo/”Bico”	Sim	3 (12%)	8 (32%)*	11 (22%)
	Não	22 (88%)	17 (68%)	39 (78%)
Benefícios (VT/VR/Plano)	Sim	25 (100%)*	0 (0%)	25 (50%)
	Não	0 (0%)	25 (100%)	25 (50%)

Nota: A renda média maior no Grupo P deve ser relativizada pela maior jornada, custos do trabalho (combustível, manutenção) e ausência total de benefícios.

A atualização revela um dado estruturalmente importante: 60% dos trabalhadores por aplicativo (15 dos 25) possuem diploma de ensino superior, contra apenas 8% no grupo de supermercado. Este fenômeno da sobre-qualificação ou subutilização de capital humano no trabalho plataformizado configura um elemento central para a análise dos horizontes de expectativa frustrados.

Gráfico 1: Porção com ensino superior por grupo



O Gráfico 1, que contrasta de forma tão marcante a proporção de trabalhadores com ensino superior completo entre os grupos (8% no supermercado versus 60% nos aplicativos), não ilustra meramente uma diferença demográfica, mas encapsula uma das contradições centrais do mercado de trabalho contemporâneo e seu impacto sobre as temporalidades subjetivas. Esta distribuição invertida – onde a qualificação educacional formal mais elevada se concentra justamente na modalidade laboral mais precária e desprotegida – evidencia a ruptura do nexos histórico entre educação, progresso profissional e futuro seguro. Para a geração pesquisada, que internalizou a promessa de que o diploma seria um passaporte para a estabilidade, essa realidade configura um profundo descompasso temporal entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa.

O investimento de anos em formação (o tempo biográfico dedicado à acumulação de capital cultural) colide com a experiência de um presente laboral acelerado e desregulado, gerando um sentimento de estagnação dinâmica qualificada: movimentaram-se para se qualificar, mas o futuro profissional se contraiu, aprisionando-os em um presente de renda incerta e ausência de proteções. Este fenômeno da “precariedade educada” atua, portanto, como um potente operador de frustração expectacional, corroendo a crença na narrativa do progresso linear e alimentando a

percepção de um futuro em curto-circuito, onde o potencial acumulado no passado não encontra vias de realização no tempo por vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou decifrar como as transformações estruturais do mundo do trabalho, sintetizadas nos processos de aceleração social e uberização, reconfiguram a experiência temporal e a capacidade de projeção futura de uma geração de jovens trabalhadores brasileiros. Os resultados, ancorados em um estudo comparativo com 50 trabalhadores de Porto Alegre, confirmam e aprofundam a hipótese central do presenteísmo acelerado, revelando um cenário de profunda contração dos horizontes temporais. A análise demonstra que a aceleração não é vivida uniformemente, mas é modulada pelas arquiteturas institucionais do trabalho: no varejo formal, ela é mediada por tecnologias de gestão e controle gerencial, mantendo um frágil limite na jornada; na plataforma, torna-se intrínseca e totalizante, via gestão algorítmica, dissolvendo as fronteiras entre vida e trabalho e convertendo o tempo de vida em tempo de conexão disponível.

A descoberta mais significativa, contudo, reside no perfil educacional da amostra. A concentração de 60% de trabalhadores com ensino superior completo no grupo de aplicativos, em contraste com os 8% no supermercado, não é um detalhe demográfico, mas a expressão empírica de uma fratura na promessa moderna. Esse dado materializa a precariedade educada: o investimento biográfico em formação superior, que deveria abrir horizontes de progresso, esbarra em um mercado de trabalho que oferece, como alternativa de renda, ocupações desprovidas de proteções e trajetória. Este descompasso gera uma experiência temporal específica, marcada pela sensação de estagnação dinâmica qualificada – um movimento (a graduação) que não se converte em ascensão, aprisionando o indivíduo em um presente de incerteza, muitas vezes mais intenso justamente por carregar o peso da expectativa frustrada.

Conclui-se, portanto, que a uberização representa a radicalização da lógica da aceleração social descrita por Rosa, operando uma dupla captura: do tempo cotidiano,

através do controle algorítmico e da disponibilidade permanente; e do tempo biográfico, ao esvaziar de sentido os investimentos de longo prazo (como a educação) e bloquear a narrativa de um futuro distinto do presente precário. A consequência é um encurtamento drástico do horizonte de expectativa, que deixa de ser o campo do “ainda-não” projetado para se tornar a gestão ansiosa do mês, da semana ou até do dia. O futuro, assim, não é experimentado como possibilidade, mas como ameaça ou irrelevância.

As implicações deste diagnóstico são graves e exigem respostas que transcendem o âmbito acadêmico. Se a crise é temporal, as soluções também devem sê-lo. Urge repolitizar o tempo, combatendo sua colonização pelo capital plataformizado. Isso implica: 1) A regulamentação urgente do trabalho por plataformas, garantindo direitos básicos, limite de jornada e transparência algorítmica; 2) O fortalecimento e a reinvenção da proteção social para além do vínculo formal de emprego; e 3) A redução da jornada de trabalho como imperativo civilizatório para a reconquista do tempo da vida, do ócio e do cuidado. Reabrir o horizonte de expectativa coletivo não é um exercício de otimismo vazio, mas um projeto político concreto de desaceleração e reapropriação do futuro. Esta pesquisa, ao escutar as narrativas temporais dos jovens trabalhadores, espera ter contribuído para iluminar os contornos desse desafio central do nosso tempo.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, 18 (3), 2019.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Plataformas digitais e uberização: Globalização de um Sul administrado? **Contracampo**, Niterói, v.39, n.1, p.12-26, abr./jul. 2020.

ANTUNES, Ricardo. A nova morfologia do trabalho e suas principais tendências. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

ARANTES, Paulo. **O novo tempo do mundo**: e outros estudos sobre a era da emergência. São Paulo: Boitempo, 2015. *Ebook*.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. São Paulo: Ubu Editora, 2019. Livro eletrônico.

BEZERRA, Osicleide de Lima; GOMES, Geraldo Alexandre de Oliveira. Notas sobre a história do trabalho no Brasil: a consagração em fatos, valores e músicas. **História & Perspectivas**, Uberlândia (58); 223-236, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/37401/25143>

RODRIGUES, L.F.; COSTA JUNIOR, F.T.; SOUSA, K.R.S.; FURLAN, D.V.; COSTA, J.F.D.; TRAJANO, M.D.C.; BARBOSA, S.S.; RIBEIRO, K.C.S.; BERNARDI, B.B. Aceleração social, uberização e o tempo da precarização: horizontes de expectativa de uma geração brasileira. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 5, n. 1, p. 787-805, jan./mar., 2026.



BRAGA, Ruy. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo: Boitempo, 2012. *Ebook*.

CARDOSO, Adalberto. Transições da escola para o trabalho no Brasil: persistência da desigualdade e frustração de expectativas. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 51, nº. 3, 2008, pp. 569-616.

CARDOSO, Adalberto. **A construção da sociedade do trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

CARDOSO, Adalberto. Metamorfoses da questão geracional: o problema da incorporação dos jovens na dinâmica social. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 58, nº.4, 2015, pp.873-912.

CARVALHO, Cristina Helena Almeida. A mercantilização da educação superior brasileira e as estratégias de mercado das instituições financeiras. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 54, jul.-set. 2013.

CARVALHO, Cristina Helena Almeida. Capital concentration and financialization in Brazilian private higher education. **ACADEMIA**, nº. 10, 2017.

CAVALCANTI, Herodes Beserra. **Automação comercial e intensificação do trabalho nos supermercados CompreBem e Pão de Açúcar na cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2011.

COMIN, Álvaro A.; BARBOSA, Rogério Jerônimo. Trabalhar para estudar: sobre a pertinência da noção de transição escola-trabalho no Brasil. **Novos Estudos** 9, nov. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/nec/n91/a04n91.pdf>

CRELIER, Cristiane. Número de pessoas que trabalham em veículos cresce 29,2%, maior alta da série. **Agência de Notícias IBGE**, 18/12/2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26424-numero-de-pessoas-que-trabalham-em-veiculos-cresce-29-maior-alta-da-serie>

CREMONINI, Caetano B. **Sofrimento de jornalistas: expectativas de reconhecimento e reconfiguração do mundo do trabalho**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

DELLA TORRE, Bruna; ALTHEMAN, Eduardo; PUZONE, Vladimir F. Neoliberal Unfoldig of Lulism: remarks on the strained relationship between class and entrepreneurship. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, V.13, N.2, 2019. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/afd0/7c6f1966bb6f8e1798791af4d1a6ec67609a.pdf?_ga=2.8737269.1574325695.1590072696-1541754013.1590072696

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

RODRIGUES, L.F.; COSTA JUNIOR, F.T.; SOUSA, K.R.S.; FURLAN, D.V.; COSTA, J.F.D.; TRAJANO, M.D.C.; BARBOSA, S.S.; RIBEIRO, K.C.S.; BERNARDI, B.B. Aceleração social, uberização e o tempo da precarização: horizontes de expectativa de uma geração brasileira. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 5, n. 1, p. 787-805, jan./mar., 2026.



ESTADÃO. Emprego em supermercados tem melhor desempenho em cinco anos. 30/01/2020. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,emprego-nos-supermercados-tem-melhor-desempenho-em-cinco-anos,70003178138>. Acesso em: 20/10/2020.

FILGUEIRAS, Vitor Araújo. As promessas da Reforma Trabalhista: combate ao desemprego e redução da informalidade. In: KREIN, José Dari; OLIVEIRA, Roberto Vêras; FILGUEIRAS, Vitor Araújo [orgs.]. **Reforma Trabalhista no Brasil: promessas e realidade**. São Paulo: Curt Nimuendajú, 2019.

GAVRAS, Douglas. Aplicativos como Uber e iFood são fonte de renda de quase 4 milhões de autônomos. **O Estado de São Paulo**, 28/04/2019. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,aplicativos-como-uber-e-ifood-sao-fonte-de-renda-de-quase-4-milhoes-de-autonomos,70002807079>

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Sinopse Estatística da Educação Superior 2018**. Brasília: Inep, 2019. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>>. Acesso em: 01/07/2020.

INEP. **Censo da Educação Superior 2018**: notas estatísticas. Brasília: INEP/MEC, 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indicadores IBGE: pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua [mensal]**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73086>

JARDIM, Fabiana Augusta Alves; ALMEIDA, Wilson Mesquita. Expansão recente do ensino superior brasileiro: (novos) elos entre educação, juventudes, trabalhos? **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 22, n. 47, p. 63-85, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4776/4357>

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

KREIN, José Dari; OLIVEIRAS, Roberto Vêras. Os impactos da Reforma nas condições de trabalho. In: KREIN, José Dari; OLIVEIRA, Roberto Vêras; FILGUEIRAS, Vitor Araújo [orgs.]. **Reforma Trabalhista no Brasil: promessas e realidade**. São Paulo: Curt Nimuendajú,

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto : Ed. PUC-Rio, 2006.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**, n. 62, pp. 193-242. Disponível em: http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS_062_12.pdf

MARTINS, Gabriel; GARCIA, Karen. Desemprego avança 13% em um ano entre os mais qualificados. **O Globo**, 07/07/2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/desemprego-avanca-13-em-um-ano-entre-os-mais-qualificados-23789772>

NEVES, Clarissa Eckert Baeta; MARTINS, Carlos Benedito. Ensino superior no Brasil: uma visão abrangente. In: DWYER, Tom; ZEN, Eduardo Luiz; WELLER, Wivian; SHUGUANG, Jiu; KAIYUAN, Guo [orgs.]. **Jovens universitários em um mundo em transformação**: uma pesquisa sino-brasileira. Brasília: IPEA; Pequim: SSAP, 2016. Livro eletrônico. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/160715_livro_jovens_universitarios.pdf

OLIVEIRA, Ana Luíza Matos de. **Educação Superior brasileira no início do século XXI**: inclusão interrompida. Tese (doutorado em Desenvolvimento Econômico), Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 2019.

OLIVEIRA, Francisco. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

PAULANI, Leda. **Brasil Delivery**: servidão financeira e estado de emergência econômico. São Paulo: Boitempo, 2008.

POCHMANN, Marcio. Tendências estruturais do mundo do trabalho no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25 (1): 89-99, 2020.

POCHMANN, Marcio. **Brasil sem industrialização**: a herança renunciada. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2016. Livro eletrônico.

RAMOS, Lauro. A evolução da informalidade no Brasil contemporâneo: 1991-2001. **Texto para Discussão**, nº914, nov. 2002.

RISTOFF, Dilvo. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 723-747, nov. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v19n3/10.pdf>

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na Modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

ROSENFELD, Cinara L.; ALMEIDA, Marilis L. de. Contratualização das relações de trabalho: embaralhando conceitos canônicos da sociologia do trabalho. **Política & Trabalho Revista de Ciências Sociais**, n. 41, pp.249-276, outubro de 2014.

ROSENFELD, Cinara L. Labour, self-entrepreneurship in Brazil and paradoxes of social freedom. **Transfer**, Vol. 24 (3), 337-352, 2018.

RODRIGUES, L.F.; COSTA JUNIOR, F.T.; SOUSA, K.R.S.; FURLAN, D.V.; COSTA, J.F.D.; TRAJANO, M.D.C.; BARBOSA, S.S.; RIBEIRO, K.C.S.; BERNARDI, B.B. Aceleração social, uberização e o tempo da precarização: horizontes de expectativa de uma geração brasileira. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 5, n. 1, p. 787-805, jan./mar., 2026.



SAFATLE, Vladimir. **Dar corpo ao impossível**: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Anselmo Luis dos; GIMENEZ, Denis Maracci. Inserção dos jovens no mercado de trabalho. **Estudos Avançados**, 29 (85), 2015.

SCHEIBER, Noam. How Uber Uses Psychological Tricks to Push Its Drive's Buttons. **The New York Times**, 02 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2017/04/02/technology/uber-drivers-psychological-tricks.html>. Acesso em: 20/10/2020

SGUISSARDIS, Valdermar. Educação superior no Brasil: democratização ou massificação mercantil? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 36, nº. 133, p. 867-889, out.-dez., 2015.

Supermercados lideraram receita e geração de empregos do comércio, diz IBGE. **G1**, 26/06/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/06/26/supermercados-lideraram-receita-e-geracao-de-empregos-do-comercio-diz-ibge.ghtml>

THOMPSON, Edward P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 25, nº. 2, maio/agosto 2010.

Submissão: outubro de 2025. Aceite: novembro de 2025. Publicação: fevereiro de 2026.